

# Palco

palco@timeou...



## O Senhor diz

‘Mártir’, de Marius von Mayenburg, é a próxima estreia da Companhia de Teatro de Almada, já esta sexta, com encenação de Rodrigo Francisco. Miguel Branco viu um cristão radicalizado e o perigo do politicamente correcto.

**BENJAMIN** recusa-se a frequentar as aulas de natação por motivos religiosos. Assim se justifica perante a mãe, isto enquanto joga consola, enquanto não olha para a mãe, aquele típico desdém, fala-para-aí, que sempre responde nada à pergunta “o que é que se passa?” Só que a conformação não vai durar muito.

Benjamin, que não tem feito outra coisa que não ler a Bíblia (de tal forma que quase só fala através de citações da mesma), há-de saltar para a piscina da aula de natação completamente vestido, há-de se despir por completo quando a professora de Biologia introduzir a questão da contracepção utilizando cenouras e preservativos. Tudo porque ninguém lê o livro. Tudo porque ninguém faz o que o Senhor diz. *Mártir*, texto que Marius von Mayenburg escreveu em 2012, estreia esta sexta-feira no Teatro Municipal Joaquim Benite, em Almada. A encenação é de Rodrigo Francisco.

Provavelmente pela ausência de amor – dizemos

**PERFEITO PARA**  
repensar o que  
fazer ao domingo de  
manhã

### CENA TÉCNICA

#### DE MARIUS VON MAYENBURG

Encenação Rodrigo  
Francisco

Com André Albuquerque,  
Ana Cris, Inês de Castro,  
Ivo Marçal, João Cabral,  
Pedro Walter, Tânia  
Guerreiro, Vicente  
Wallenstein

provavelmente porque as indicações são ténues – o jovem cristão radicaliza-se, abalando o quotidiano da sua escola, substituindo Judas por Érica, a professora de Biologia. *Mártir* foi escrito na ressaca dos ataques extremistas islâmicos na Europa e Mayenburg utiliza a Bíblia, “para provar que o problema não é o Islão em si; qualquer uma das religiões abraâmicas, se formos ver o que algumas das passagens escritas no Antigo e no Novo Testamento, se forem lidas à letra, são coisas monstruosas, o problema é a leitura que se faz”, esclarece Rodrigo Francisco.

Mas o encenador e director da Companhia de Teatro de Almada confessa que o motivo que mais lhe interessa no texto nem é esse radicalismo inerente, mas antes a perspectiva daquela professora: “É um certo clima que estamos a viver hoje em dia, a coisa do politicamente correcto, os perigos que este discurso pode trazer. Esta professora começa por ter uma atitude politicamente correcta para depois se perceber que é impossível, ela própria depois se transforma numa mártir. O que ela diz no final, o monoteísmo é uma ditadura, que é uma coisa muito politicamente incorrecta, mas que se analisarmos os factos somos obrigados a reconhecer isso. Só que não se diz isso abertamente”.

Pois, pois, bem sabemos, que a conversa politicamente correcta nunca deu bom cozinhado. É Érica, enquanto profissional da educação que tenta aproximar-se de Benjamin para que a coisa não se entorne mais ainda para fora da panela, vira a verdadeira mártir da história. As idas ao gabinete do director da escola tornam-se cada vez mais constringedoras, sobretudo quando o motivo é a Teoria da Evolução. Benjamin diz que Darwin estava errado e o director da escola diz a Érica que o miúdo lhe anda a fazer mal, que a sua arrogância científica lhe esbate a sensualidade. A obsessão do aluno, vira a obsessão da professora. Só que isso o Senhor já não diz. ■

→ Municipal Joaquim Benite. Qua e Dom 16.00. Qui-Sáb 21.00. 10€.

